

TEXTOS MOTIVADORES

TEXTO I

O que é a 'cultura de cancelamento'

O movimento hoje conhecido como “cultura do cancelamento” começou, há alguns anos, como uma forma de chamar a atenção para causas como justiça social e preservação ambiental. Seria uma maneira de amplificar a voz de grupos oprimidos e forçar ações políticas de marcas ou figuras públicas.

Funciona assim: um usuário de mídias sociais, como Twitter e Facebook, presencia um ato que considera errado, registra em vídeo ou foto e posta em sua conta, com o cuidado de marcar a empresa empregadora do denunciado e autoridades públicas ou outros influenciadores digitais que possam amplificar o alcance da mensagem. É comum que, em questão de horas, o post tenha sido replicado milhares de vezes.

A cascata de menções a uma empresa costuma precipitar atitudes sumárias para estancar o desgaste de imagem, sem que a pessoa sob ataque possa necessariamente se defender amplamente.

O cancelamento é diferente da trollagem típica de internet, eventualmente com insultos coordenados, frequente em disputas de opinião entre usuários das redes. O “cancelamento” é um ataque à reputação que ameaça o emprego e os meios de subsistência atuais e futuros do cancelado. Extremamente frequente nos Estados Unidos, ela hoje abate personalidade, mas também anônimos.

“Você pode ser cancelado por algo que você disse em meio a uma multidão de completos estranhos se um deles tiver feito um vídeo, ou por uma piada que soou mal nas mídias sociais ou por algo que você disse ou fez há muito tempo atrás e sobre o qual há algum registro na internet. E você não precisa ser proeminente, famoso ou político para ser publicamente envergonhado e permanentemente marcado: tudo o que você precisa fazer é ter um dia particularmente ruim e as consequências podem durar enquanto o Google existir”, definiu o colunista do The New York Times Ross Douthat em uma coluna sobre cancelamento há alguns dias.

O fenômeno acontece também no Brasil, mas frequentemente tem como alvo famosos. Um exemplo recente de cancelamento foi o da blogueira Gabriela Pugliesi. Depois de postar imagens de uma festa que deu em sua casa, em abril, em meio a uma quarentena por conta da epidemia de coronavírus, uma multidão online passou a cobrar as marcas que a patrocinavam para que rescindissem os contratos de publicidade com ela. Pugliesi perdeu pelo menos cinco contratos e seu prejuízo teria superado os R\$ 2 milhões.

Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-53537542> (Adaptado)

TEXTO II

Quais os efeitos da cultura do cancelamento

Fenômeno nas redes sociais, ato de boicotar figuras públicas que agem de forma considerada ofensiva é muitas vezes menos efetivo do que gostariam seus adeptos e do que alardeiam seus críticos

(...) Muitos daqueles que foram alvo de cancelamentos, ou que se solidarizam com pessoas que tenham sido criticadas dessa forma, se queixam de uma perseguição inquisitorial que cercearia o discurso e as ações de comediantes, artistas, políticos e youtubers.

Críticos apontam ainda que as reações muitas vezes alcançam dimensões desproporcionais ou se dão sem base em fatos.

“Não existe qualquer zona cinzenta a partir da lógica do espetáculo”, pondera o doutor em psicologia Leonardo Goldberg. “E a cultura do cancelamento entra nessa esteira de modo completamente arbitrário, porque [faz parte] da lógica da não contradição, tão presente na internet. Não existe conversa ou escuta”.

“Acho que o [aspecto] negativo é a forma como a gente lida numa certa cultura do ‘hater’, do ódio, esquecendo que precisa fazer críticas mais embasadas e ter mais consciência coletiva da nossa responsabilidade”, disse ao Nexo a colunista e feminista Stephanie Ribeiro.

Os efeitos da cultura do cancelamento, no entanto, são em geral menos efetivos do que os “canceladores” poderiam desejar e do que os “cancelados” costumam alardear.

“Às vezes, é uma forma até meio rasa de lidar com questões que são estruturalmente muito complexas”, afirma Ribeiro. “Não vejo impactos muito reais em relação a manifestações virtuais que confrontam comportamentos ou falas”.

Ela cita o caso do jornalista William Waack, que foi demitido da Rede Globo após o vazamento de um vídeo no qual fazia comentários racistas, e teve sua contratação recentemente anunciada por uma nova emissora.

Ela afirma que a duração e o impacto do cancelamento têm “muito a ver com o lugar social que cada qual desses atingidos ocupa e o peso que a sociedade dá ou não para o que está sendo apontado”,

lembrando do caso do músico Wilson Simonal, um homem negro, “cancelado” pela classe artística e intelectual na época da ditadura militar por ser visto como informante do regime.

O autor do artigo da New Republic, Osita Nwanevu, vai ao encontro desses questionamentos sobre o verdadeiro impacto da cultura do cancelamento, sugerindo um entendimento mundano da questão: enxergá-la como expressões públicas e corriqueiras de desagrado, manifestadas por pessoas comuns em novas plataformas.

“Se nos vemos passando vertiginosamente de ultraje em ultraje a cada semana, devemos considerar que isso nunca custou tão pouco ou resultou em provocadores e ‘contrariadores profissionais’ ganhando tanto”, escreveu.

Embora critique a ausência de diálogo que impede “qualquer operação simbólica que possa fazer aquela pessoa mudar de opinião, porque ela é simplesmente cancelada”, Goldberg vê de maneira positiva que as críticas transformam os discursos públicos “em algo atravessado por uma política daquilo que concerne a população, ao bem maior. Todos aqueles que passam a emitir discursos públicos vão ter que se haver com aquilo que dizem”.

Além de mostrar que temas como o feminismo e o combate ao racismo estão mais difundidos, o efeito sobre discursos preconceituosos de figuras públicas também é o aspecto da cultura do cancelamento que Stephanie Ribeiro identifica como positivo.

“Hoje uma pessoa não pode dar uma entrevista e falar algo racialmente absurdo, porque alguém vai dizer ‘não, isso está errado’. E aí isso vira uma chuva de comentários e de tuítes, de falas, ações, respostas, vídeos. É muito positivo perceber que as pessoas estão identificando mais facilmente determinadas condutas”, disse.

Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/11/01/Quais-os-efeitos-da-cultura-do-cancelamento> (Adaptado)

TEXTO III



Disponível em: <http://www.willtirando.com.br/>

TEXTO IV

O que a cultura do cancelamento diz sobre o mundo em que estamos vivendo

O banimento ou o boicote de uma pessoa da arena pública não é novidade – mas, agora, nas redes sociais, o hábito ganha força em nome da justiça social

Se estivessem em uma festa, pessoas tão diferentes como **Anitta, J.K. Rowling, Gabriela Pugliesi** e Woody Allen poderiam sentar-se à mesa e conversar sobre uma experiência em comum: serem cancelados. O termo, nascido na era das **redes sociais**, descreve um indivíduo, marca ou empresa boicotado depois de agir de forma censurável – em geral, costumam ser erros que envolvem racismo, LGBTfobia ou machismo. No tribunal da internet, os juízes são de pouca misericórdia: o acusado tem o passado investigado, a reputação atacada e a defesa dispensada. A sentença? Humilhação e perda de dinheiro – em casos mais graves, desemprego e ostracismo. Parece algo distante, que só diz respeito a **famosos**, mas cuidado: o cancelado de amanhã pode ser você.

O cancelamento é um tipo de ataque à reputação que busca retirar o alvo dos holofotes do debate público e puni-lo. Todos os dias, em processo semelhante, cancela-se alguém flagrado em absurdo. O vacilo é compartilhado milhares de vezes – em geral, no Twitter –, mensagens de ódio são enviadas, e o cancelado, já humilhado, sofre consequências financeiras, com perda de contratos e patrocínios. Em casos raros, a desculpa ameniza os prejuízos, mas pode ser lida como mentira.

O cancelamento exige tomar o erro como se fosse o todo – não há equívocos pontuais. Na visão de canceladores, Anitta pulou de uma artista que não se posiciona politicamente a uma cantora que se aproveita do dinheiro de fãs gays. Não é à toa que o verbo “cancelar”, normalmente aplicado para romper um contrato de serviços, agora é aplicado a pessoas, como se indivíduos fossem, também, objetos a serem consumidos – ou rejeitados.

Um caso notório

O cancelamento também acomete anônimos, e um dos casos mais emblemático é o da relações públicas norte-americana Justine Sacco. Em 2014, antes de embarcar em um voo para a África do Sul, ela tuitou: “Partindo para a África. Espero não pegar Aids. Brincadeira. Sou branca!”.

Ao aterrissar, 11 horas depois, sua vida mudara: uma enxurrada de mensagens de ódio mostravam que ela era assunto número 1 no Twitter. Acusada de racista, ela perdeu o emprego e entrou em depressão profunda. Sua história e de outros massacrados na internet é contada no livro “Humilhado – Como a Era da Internet Mudou o Julgamento Público” (Editora Record), escrito pelo inglês Jon Ronson.

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2020/09/o-que-a-cultura-do-cancelamento-diz-sobre-o-mundo-em-que-estamos-vivendo-ckf76bwn6006q014vxtkkl7qk.html>

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema “**A cultura do cancelamento em questão na sociedade contemporânea**”, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.